

Carta semanal 17 (2018): Poder americano e tempo de golpe suave



Queridos amigos e amigas,

O governo dos Estados Unidos retirou-se do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas (CDH). Muito foi dito dessa movimentação, embora, para ser justo, os Estados Unidos não desempenharam um papel produtivo no CDH desde a sua criação em 2006. Tentou intimidar o CDH para evitar qualquer crítica a Israel e se irritava com qualquer discurso negativo do CDH sobre a forma de guerra dos EUA contra o terrorismo ou sobre o arquipélago de prisões que ninham a sua paisagem. Apesar de sempre ganhar um assento no Conselho, os Estados Unidos não participaram dele – ajudando de forma democrática a moldar sua direção. Em vez disso, tentava intimidar o Conselho com ameaças de retirada. Agora, esses ultimatos deram frutos. Para ler mais sobre essa saída, veja minha reportagem na *Alternet* [aqui](#).

O estímulo imediato para os EUA deixarem o Conselho foi um relatório que está sendo preparado sobre as violações de empresas – muitas dos Estados Unidos – que têm feito negócios no Território Palestino Ocupado. Israel tem sido repetidamente sancionado pelas Nações Unidas – incluindo recentemente pelo Conselho de Segurança da ONU – por sua atividade de assentamento ilegal. O CDH preparou um banco de dados de todas as empresas que violaram as resoluções da ONU e operaram nos assentamentos ilegais. Quando este relatório for finalmente divulgado com o selo das Nações Unidas, ele dará um impulso ao movimento Boicote-Desinvestimento-Sanções (BDS). Com este relatório, o movimento BDS terá autoridade moral para focar nessas empresas e pedir que elas sejam sancionadas. Isso foi intolerável para os Estados Unidos. Está disposto a pressionar por um embargo financeiro os países que o vejam como um adversário (como a Venezuela, cujo governo produziu recentemente um relatório importante – que você pode baixar [aqui](#) – sobre os custos do embargo financeiro naquele país).

A retirada levantou os olhos em todo o mundo. Mas não é a primeira dessas saídas. Os EUA deixaram muitos organismos multilaterais, desde o Estatuto de Roma até a criação do Tribunal Penal Internacional para o Tratado do Clima de Paris, até o acordo nuclear com o Irã. Caprice é parte do sistema, não apenas um problema colocado pela personalidade mercurial de Trump. O comportamento de Trump na reunião do G7 é indicativo desse problema de longo prazo. Ele se afasta irritado, mas sua atitude não define o problema. Isso é definido por uma crise de longo prazo na economia dos Estados Unidos (para mais sobre isso, veja minha reportagem sobre o G7 no *Frontline* [aqui](#)). Nos próximos meses, um dossiê do **Tricontinental: Instituto de Pesquisa Social** tratará das “guerras comerciais” e a atual crise capitalista (uma entrevista com o professor Prabhat Patnaik).

Enquanto isso, o ministro das Relações Exteriores do Irã, Javad Zarif, publicou um artigo nesta semana sobre “Política Externa dos EUA em Crise”. Não recebeu quase nenhuma atenção fora do Irã (por favor, veja minha avaliação no *Newslick* [aqui](#)). Zarif ressalta que o problema não é tanto Trump, embora ele seja um problema, mas é que o poder dos EUA sobre questões globais tem declinado. Ele sugere que é hora de revigorar os órgãos regionais para administrar questões de segurança e desenvolvimento. Estas são sugestões sensatas.

A foto acima, da Coleção de l’Art Brut (Lausanne, Suíça), é de Carlo Zinelli (1916-1974).



Fotos de crianças chorando – particularmente uma criança de dois anos de idade de Honduras – apanhadas pela patrulha fronteira dos EUA, separadas de seus pais e mantidas em prisões, feriram os corações das pessoas em todo o mundo. A política de “tolerância zero” de Trump foi rescindida. Isso não significa que o destino das crianças seja muito mais fácil. Eles agora serão unidos com seus pais – na prisão. É revelador que esta criança é de Honduras, onde os Estados Unidos ajudaram a engendrar um golpe em 2009. Uma combinação de instabilidade política e de sofrimento econômico (alguns dos quais impulsionados pelas mudanças climáticas) exerceram grande pressão sobre a América Central. A política dos EUA sobre comércio e clima, bem como sobre a mudança de regime, criou instabilidade no istmo americano. Você cria problemas, então as pessoas marcham em busca de segurança e então as aprisionam. Esta é a fórmula da crise.

A Nicarágua foi um dos poucos países que não exportou sua população para o norte. Após dezesseis anos de regime neoliberal, o país reelegeu o antigo sandinista – Daniel Ortega. O governo de Ortega, impulsionado por movimentos populares, tentou resolver os problemas que assolaram a América Central. Investimentos em educação e em infra-estrutura ajudaram a minar a economia das drogas e conter a maré do fracasso do Estado. Os cortes de energia foram um problema frequente na Nicarágua, como resultado do mau gerenciamento por parte dos governos neoliberais. O governo de Ortega pressionou por um aumento de fontes de energia renováveis – biomassa, geotérmica, hidrelétrica, solar e eólica – para resolver a crise de energia, mas também para afastar a Nicarágua da dependência do petróleo.

Em todo o mundo, as finanças públicas estão desordenadas. Não é diferente na Nicarágua. Aqui, o governo de Ortega teve que enfrentar o problema das aposentadorias. No ano passado, o FMI exigiu uma reforma urgente do INSS – o sistema de seguridade social do estado. O déficit nesses pagamentos é de cerca de US \$

75 milhões por ano ou cerca de 0,5% do PIB – não é um problema importante, mas um problema, no entanto. A associação de empregadores – COSEP – e o governo têm estado em negociações de longo prazo em torno deste problema. Quando o COSEP deixou a mesa de negociação, o governo – em 16 de abril – publicou sua proposta, a saber, aumentar as contribuições do empregador. O COSEP, por outro lado, defende a proposta do FMI, que nomeadamente aconselha reduzir as pensões e aumentar a idade de reforma. O COSEP chamou por uma guerra total na Nicarágua. Ortega retirou sua proposta. Era tarde demais. A oposição de direita – apoiada inteiramente pela oligarquia e pelos Estados Unidos – sentiu o cheiro de sangue. Queria que Ortega saísse.

Os entusiastas da mudança de regime correram para dentro. O apoio do governo dos EUA através do Doação Nacional para Democracia (como mostrado por Max Blumenthal **aqui**) e outros meios menos públicos ajudaram a moldar a guerra dentro da Nicarágua. Em 22 de abril, quatro dias após a violência irromper em todo o país, o governo de Ortega pediu à Igreja Católica para mediar entre a oposição de direita e o governo. A Igreja concordou, mas depois mostrou seu lado como um defensor da oposição. O que eles queriam era a derrubada do governo de Ortega (que ganhou 72,44% do voto popular nas eleições gerais de 2016). Mesmo a Organização dos Estados Americanos, dominada pelos EUA, recusou-se a juntar-se ao “golpe suave” contra a Nicarágua.

Em 22 de maio, a Articulação Continental dos Movimentos Sociais da ALBA (Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América) divulgou uma declaração que deve ser lida na íntegra:

Diante dos acontecimentos na Nicarágua, nas últimas semanas, expressamos nossa solidariedade com o povo de Sandino que ao longo de suas lutas históricas conquistou seu direito à autodeterminação, justiça e desenvolvimento. Concordamos com o desejo da maioria da população nicaraguense de viver em paz e harmonia.

Apoiamos o processo de Diálogo Nacional, chamado para a buscar soluções para as diferentes questões que os nicaraguenses levantaram e esperamos por uma solução antecipada para essas questões.

Entendemos o papel estratégico desempenhado pelo projeto do povo nicaraguense em nossa região sitiada pelo crime organizado em cumplicidade com alguns estados da região; por isso que rejeitamos desinformação e manipulação das informações por empresas e meios de comunicação que servem os interesses contrários ao povo da Nicarágua e o desempenho do intervencionismo norte-americano que, desde a adoção da chamada Lei Nica tem intensificado suas ações contra a Nicarágua.

Existe um amplo histórico, desde o final do século XIX e início do século XX, ações intervencionistas dos EUA contra a Nicarágua, que o povo de Sandino conseguiu rejeitar e que também sabe desta vez.

Também rejeitamos qualquer ação violenta que ameaça a vida e segurança dos nicaraguenses, por qualquer ator envolvido na situação político-social na Nicarágua, por isso pedimos para buscar todos os esforços para garantir o pleno respeito a dignidade e os direitos de todos e todas comprometidos com a solução pacífica do conflito, independentemente de sua posição política.

Estas são palavras sensatas. Eles alertam as pessoas fora da Nicarágua para não levarem em conta as informações da mídia corporativa. Como nós – do **Tricontinental: Instituto de Pesquisa Social** – mostramos em nossos dossiês sobre a **Venezuela** e o **Brasil**, existe um mal em andamento na América Latina. Sobre a situação no Brasil, por favor, leia **esta** reportagem de Celina della Costa, Coordenadora do **Tricontinental: Instituto de Pesquisa Social**. Nunca subestime o tipo de manobras produzidas pelos Estados Unidos e seus aliados oligárquicos para minar e distorcer as lutas do povo.

A foto acima é da edição de 1980 do *Tricontinental*, uma publicação dedicada à revolução sandinista na Nicarágua.



Hoje, no site do Arquivo Popular da Índia Rural, o integrante do **Tricontinental: Instituto de Pesquisa Social** P. Sainath publicou uma de suas mais importantes colunas. Como muitos de vocês sabem, os relatos de Sainath da Índia rural destacaram a devastação causada pelas políticas neoliberais aos camponeses e trabalhadores rurais. Ele volta nossa atenção para a epidemia de suicídios de agricultores – talvez agora meio milhão de mortos nos últimos vinte anos. Como o campo é lentamente morto, mais e mais pessoas começam sua longa marcha para as cidades – um fenômeno que espelha as rotas de migração para o norte da América Central para a América do Norte. A dignidade é comprometida tanto nas localidades rurais quanto nas urbanas, já que esses antigos agricultores lutam para ganhar a vida.

Em sua coluna, que você pode ler **aqui**, Sainath defende uma marcha em massa em direção a Déli de pequenos agricultores, trabalhadores rurais e outros para ocupar a capital. Ele sugere o itinerário para uma sessão especial do Parlamento indiano. Em 5 de setembro, o Centro dos Sindicatos de Indianos, o Kisan Sabha e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Toda a Índia realizarão de fato uma manifestação conjunta

no Parlamento. Este Ato Mazdaor-Kisan Sangharsh (Ato de Luta Operário-Camponesa) é um desenvolvimento significativo. O que Sainath propõe é esse caminho. Esperamos que sua sugestão para uma sessão especial do Parlamento seja levada a sério – não apenas na Índia, mas em outros lugares.



Por fim, dois itens de interesse.

1. Do Líbano vem a notícia da última edição do Kohl: uma Revista para Pesquisa sobre Corpo e Gênero. Esta publicação é sobre o tema de encarceramento, vigilância e policiamento. Você pode encontrar este web revista (disponível gratuitamente) [aqui](#).
2. Em 5 de julho, o sexto dossiê do **Tricontinental: Instituto de Pesquisa Social** em um desenvolvimento notável – a criação de habitação dos trabalhadores em Solapur (Maharashtra). Os trabalhadores aqui fazem cigarros indianos, ou beedis (foto acima). Fique de olho nisso.

Cordialmente, Vijay.